

NOVA VIDA A CADA HORA

Não se passam 60 minutos sem que nasça um bebê no HRC

Valesca Riviéri

Da equipe do **Correio**

Ceilândia abriga a maior maternidade do Distrito Federal. Pelas estatísticas do Hospital Regional de Ceilândia (HRC) são realizados cerca de 9 mil e 600 partos por ano. É como se nascesse uma criança por hora. Mas nem sempre foi assim. Após a inauguração do centro obstétrico do HRC, em agosto de 1981, a média diária era de nove bebês. No primeiro dia de funcionamento, por exemplo, nasceu apenas uma criança, filha de Benedita Marques Alves.

O 11º parto no HRC foi o de Maria de Fátima Alves no dia 30 de agosto. A filha Daiana Maria Alves, hoje com 16 anos, nasceu às 11h30 da manhã. Nesse mesmo dia nasceram mais onze crianças. "O hospital era bem pequenininho e mais vazio que os outros hospitais", recorda Maria, que antes teve cinco filhos em hospitais diferentes. Mas as duas únicas netas de Maria, Caroline, 1 ano, e Larissa, 1 mês, são ceilandenses.

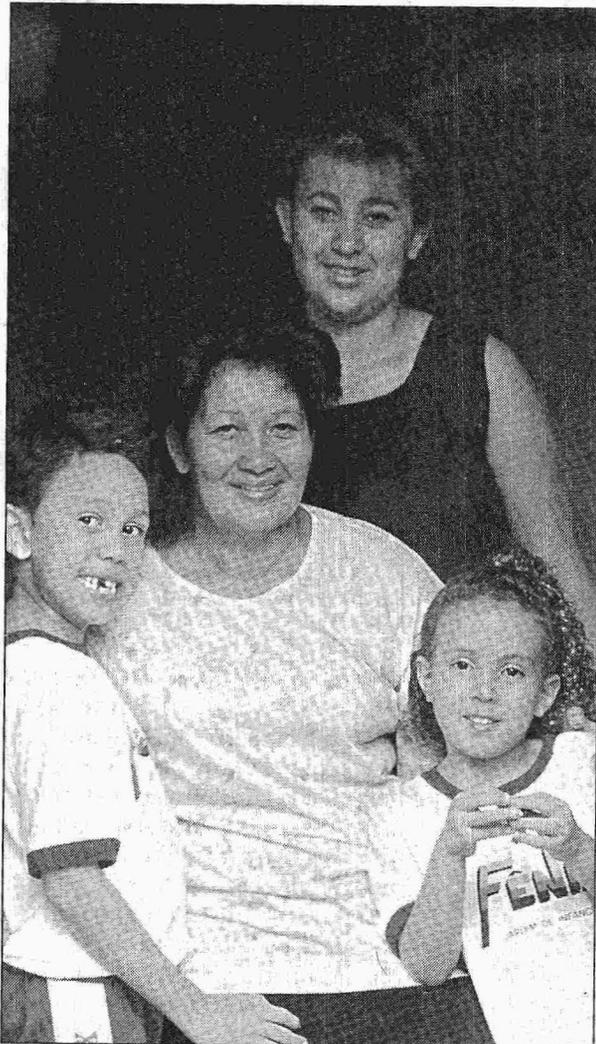
Saber que foi a 11ª ceilandense deixou Daiana ainda mais orgulhosa de ser moradora da cidade. Com sonho de ser modelo, a morena de 1,65 de altura trabalha de secretária para ajudar no sustento da casa e tenta terminar o 2º grau no Centro de Ensino 18. "Não sei o que quero do futuro. No momento só penso em trabalhar para ajudar minha família e terminar os estudos", alega.

A moradora Virgínia Barbosa de Pinho teve o segundo parto de gêmeos do HRC, um mês depois da inauguração do hospital. Do casal de bebês prematuros de sete meses, apenas a menina sobreviveu. Por falta de equipamentos, o menino teve que ser transferido para o Hospital Regional de Taguatinga (HRT), mas acabou morrendo no meio do caminho. "Meu parto, uma cesariana, atrasou seis horas porque não estava tendo material", recorda.

Mesmo com a tragédia, Virgínia guarda boas lembranças do hospital. "Não me arrependo de ter procurado o hospital porque eles me trataram muito bem", recorda. "Se não existisse o hospital, eu teria morrido com as duas crianças porque estavam atravessados na mesma placenta".

Mesmo com o aumento progressivo do número de partos, um dos médicos pioneiros, o gineco-obstetra José Ribamar Malheiros, 47 anos, avalia que as dificuldades do HRC de hoje são as mesmas do passado. "Era um hospital

Glauco Dettmar



Virgínia de Pinho: filhos e amigos nascidos em Ceilândia

muito menor que o atual. O número de partos já era relativamente grande para o tamanho da cidade", compara.

Em 1981, os médicos dispunham de duas salas para parto normal e duas salas para cirurgia geral (incluindo cesariana). O hospital tinha apenas 50 leitos, que abrigavam mães de resguardo misturadas com todos os tipos de doentes.

"No meu primeiro plantão noturno tivemos duas cesarianas complicadas. Mas tudo correu bem no final", afirma. Na cidade com um dos maiores índices de gravidez precoce, Malheiros já preparou o parto de uma adolescente que tinha vindo ao mundo pelas suas mãos. "A mãe da jovem me disse que eu tinha feito o parto dela. Nesse dia notei que estou ficando velho", brinca.

Em 1982, participou do parto de uma adolescente de 12 anos. A greve de 1983 também foi importante para os funcionários conseguirem chamar a atenção do governo. O resultado da mobilização foi a ampliação do hospital.

"Aqui tem tanta patologia que marca a gente. Há casos raros que não se vê em outro lugar", afirma. Ele se recorda de uma mulher que tinha dois úteros e outra com um

mioma uterino que gerou barriga semelhante a de nove meses de gravidez.

Atualmente o HRC tem 213 leitos sendo 72 exclusivos para a maternidade. "O hospital continua pequeno como sempre foi, mas a comunidade saiu ganhando com o progresso de oferecer mais serviços especializados sem precisar sair de Ceilândia", acredita Malheiros. O médico só lamenta o fato de o hospital ainda não ter uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI). "É muito difícil con-

seguir vaga em outras UTIs para nossos pacientes", alega.

CIDADÃOS

Os primeiros cidadãos de Ceilândia estão com 16 anos, idade de tirar o título eleitoral. Ciente de seus direitos, a ceilandense Elizabeth Batista de Sousa, 16 anos, se adiantou e já providenciou o título de eleitor. Só que com um detalhe: votar nulo nas próximas eleições. "Não vale a pena. Às vezes, a gente vota em uma pessoa esperando que ela faça algo e não acontece nada", justifica a garota.

Mesmo insatisfeita com a violência na cidade, Elizabeth tem orgulho de ser ceilandense e se sente responsável pelo futuro do local. "Acho que vou ter que ajudar muito as gerações futuras, como fui ajudada depois que nasci."

Para ela, uma das formas de retribuir o acesso que teve à educação e o apoio assistencial de uma creche é seguindo a carreira de pediatra. A adolescente está cursando o 2º grau, participou da Avaliação Seriada e está de olho na vaga de medicina na Universidade de Brasília. "Aqui deveria ter mais escolas e oportunidades para quem não tem. Só assim acabaria com a malandragem e violência", opina.